Autor(es): BERNARDO, Pereira; NORI, Braian; BERNARDELLI, Vinicius

Citação: BERNARDO, NORI, BERNARDELLI. 2019

Tema: A História da Moeda – Uma proposta de união entre Teoria Econômica e Etnografia

Referência bibliográfica: BERNARDO, Pereira; NORI, Braian; BERNARDELLI, Vinicius. **A História da Moeda – Uma proposta de união entre Teoria Econômica e Etnografia**, 2019

Fichamento

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Pagina | Texto | Comentário |
| 2 | as relações sociais na Antiguidade não apontam para intensas atividades de escambo e, como consequência disso, o dinheiro teria se manifestado, primeiramente, em sua forma creditícia. Em outras palavras, o crédito poderia ter precedido a moeda-mercadoria (GRAEBER, 2016).  Para Polanyi, as antigas civilizações baseavam suas atividades econômicas em princípios não econômicos, ou seja, partindo da reciprocidade e redistribuição em vez do lucro e acúmulo. Portanto, o dinheiro não teria surgido através do escambo, uma vez que, não havendo essa propensão à permuta, não haveria também volume intenso necessário para uma sociedade se basear no escambo  David Graeber (2016) e Antonio Luiz Costa (2018), por sua vez, retratam a origem da moeda mais como uma espécie de crédito do que uma mercadoria amplamente aceita  (...)a etnografia aponta para a existência de legislação condenando devedores e validando a cobrança de juros já na Antiguidade, evidência que vai de encontro ao funcionamento da economia em sociedades antigas relatado por Polanyi. |  |
| 3 -4 | Polanyi (2000) retrata o surgimento da economia de mercado através do surgimento das máquinas. Tal economia, com o advento da Revolução Industrial, passou a instituir o mercado como principal força organizadora da sociedade, determinando as relações sociais, criando, assim, a sociedade de mercado  A. Carvalho (2015, p. 18): “Polanyi não nega a existência de mercados antes da sociedade do século XIX. Contudo, tais mercados tinham um papel apenas incidental na vida econômica.”  O princípio da reciprocidade diz respeito aos indivíduos ou famílias que trocam bens entre si, porém o fazem não com intuito de cobrarem algo em troca, ou esperarem alguma soma ou quantia. Essa relação, portanto, difere das relações comerciais pois nessa segunda há finalidade definida, o lucro; na primeira, não. Já a redistribuição consiste na apropriação de um chefe ou líder de tudo aquilo que é produzido para posterior devolução equitativa. Em outras palavras, há o controle não sobre a produção, mas sobre como essa produção alcançará os diversos membros da sociedade.  mercado, em sua visão, significa centros destinados para negociações; lugares específicos onde compradores e vendedores possam se encontrar. Outra característica de mercado tratada por Polanyi é como uma estrutura formadora de preços  Os preços seriam determinados pela autoridade central e expresso em documento, estatuto e não pela relação entre oferta e demanda. Portanto, se não há local específico nem formação de preços via oferta e demanda, não há sistema de mercado. |  |
| 4 | A ausência de flutuações de preços é o elemento pelo qual se pode inferir o tipo de organização econômica que existia na Antiga Mesopotâmia. Explica A. Carvalho (2015, p. 27): “A diferença fundamental entre o comércio administrado e o comércio de mercado reside na ausência de riscos para os comerciantes, tanto no relativo às expectativas dos preços quanto à possível insolvência do devedor”  Entretanto, apesar da existência de tais templos na Mesopotâmia, indicando o caráter redistributivo da economia, há evidências de locais destinados à troca e documentos atestando a oscilação de preços, contrariando as teorias de Polanyi de uma economia sem mercado.  A segunda contestação é a ausência de locais voltados às trocas. A. Carvalho (2015) cita trabalhos de antropólogos como Gledhill e Larsen, focando em novas evidências sobre a existência de casas privadas e lojas denominadas karum  Entretanto, apesar da existência de tais templos na Mesopotâmia, indicando o caráter redistributivo da economia, há evidências de locais destinados à troca e documentos atestando a oscilação de preços, contrariando as teorias de Polanyi de uma economia sem mercado.(...) os mercadores tinham a liberdade de praticarem preços, correndo os riscos de perdas, mas também tendo potencialidade para lucros |  |
| 5 | Também há provas de flutuação de preços, sugerindo sua ligação conforme a oferta e demanda. Eis o terceiro ponto de controvérsia com as indicações de Polanyi. A forte presença de negócios privados fornecia a independência dos templos ou palácios reais, conferindo liberdade para as trocas  o Costa (2018, p. 95) afirma que “Os preços relativos variavam conforme as condições do comércio e das safras”  Nota-se que se os preços eram calculados em prata, tratava-se, em essência, de dinheiro. A grande questão para Graeber não é a existência de moeda-mercadoria simultânea ao crédito, mas sim qual era a mais comumente utilizada.  Quanto à teoria clássica de valor trabalho, os marginalistas responderam que o valor dos bens não corresponde à quantidade empregada de trabalho, mas sim no reconhecimento que determinado bem possa satisfazer algum desejo ou necessidade. Em outras palavras, não basta ter trabalho incorporado por parte do produtor, é preciso que o avaliador enxergue utilidade no bem para querer comprá-lo. Eis a crítica da escola francesa, uma das correntes a influenciar a Teoria da Utilidade Marginal, termo posteriormente incorporado por Wieser e presente na doutrina de Jevons, Walras e Menger (DIAS, 1994). No entanto, possuir utilidade não basta; se um bem é ilimitado, não será um bem econômico. É preciso haver certa raridade, que possua alguma escassez. Disso resulta a flutuação nos preços, como registrado por Morris: a variação da quantidade dos bens possui relação inversa aos preços, isto é, quanto maior a quantidade disponível de um bem, menor será seu preço e quanto menor a quantidade disponível, maior o preço |  |
| 6 | É necessário superar a falsa dicotomia entre reciprocidade e interesse, redistribuição e lucro, esfera pública e privada, controle estatal e interação de mercado, pois todas essas relações, quando não reduzidas à construções puramente teóricas ou ideológicas, em vez de se anularem, acabam dialogando e até se reforçando. Ao descortinar a real complexidade social que era apresentada na Mesopotâmia Antiga, nota-se grande sofisticação tanto das questões burocráticas quanto comerciais |  |
| 7 | Graeber alega que o escambo é só observado muito ocasionalmente envolvendo tribos diferentes que pouco interagem ou que às vezes podem nunca mais se encontrar. Porém, reitera que não há relatos de escambo praticado entre membros de uma mesma tribo  As trocas entre membros de uma mesma aldeia ou povo tinham uma outra lógica; aqui se conecta o princípio da reciprocidade de Polanyi e as atividades econômicas. Para ele, diferentes membros produziam variados bens, mas não vendiam e compravam entre si. Aquilo que era produzido por um acabava sendo ofertado a outro, conforme sua particular necessidade, sem que houvesse segundas intenções ou interesses de lucro. E, numa espécie de troca de favores, o beneficiado se compromissava em retribuir em próxima oportunidade. Convencionou-se, em nome da reciprocidade, que um membro recompensasse o outro em ocasião futura.  (...) Desse modo, segundo Graeber, emerge o crédito, relação que descansa na confiança entre os participantes de uma dada negociação. Nesse ponto, a história da dívida se mistura com a história do dinheiro. Diz Graeber (2016, p. 33) “A diferença entre a dívida e a obrigação é que a dívida pode ser quantificada com precisão. E isso requer dinheiro”. Por essa perspectiva, o dinheiro surge não como instrumento de troca, mas como mecanismo para quantificar dívidas. Percebe-se que o princípio de reciprocidade e a existência de dívidas não são conflitantes uma vez que tal princípio acaba incutindo uma espécie de dever moral nos indivíduos, uma vez que naturalmente se espera auxílio da parte de quem outrora foi ajudado. |  |
| 8 | Sim, há indícios desse sistema baseado em uma espécie de crédito na Antiguidade, o que não significa dizer que obrigatoriamente o dinheiro tenha surgido dessa forma. Em todo caso, pode-se sintetizar as relações de troca não entre dois bens presentes, mas sim entre um bem presente por um bem futuro.  . Em essência, a propensão do homem às trocas não foi desmentida, porém, é preciso salientar que há considerável diferença entre a teoria do escambo e a teoria do crédito. |  |
| 8 | **Se a moeda surgiu do escambo, sua principal função é servir como meio de troca; se a moeda apareceu como espécie de crédito, destacam-se as funções unidade de conta e reserva de valor**  sobre valor. Diz ele: “O valor é um juízo que as pessoas envolvidas em atividades econômicas fazem sobre a importância dos bens de que dispõem para a conservação de sua vida e bem-estar; portanto, só existe na consciência das pessoas em questão. (MENGER, 1988, p. 75).  cada mercadoria possui um grau de liquidez e entender essa diferenciação é a chave para compreender o porquê de algumas mercadorias sobressaírem como moeda, enquanto outras, apesar de certa liquidez, jamais chegam a ser adotadas como padrão monetário |  |
| 9 | o valor não advém de outro lugar senão da mente humana, daí seu caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo singularmente projeta suas necessidades aos bens econômicos. Sendo os bens econômicos dotados de utilidade e valor, e pertencendo a moeda ao universo dos bens econômicos, seu valor não pode ser construído isoladamente e de forma desconexa do valor de outros bens econômicos.  o sal, por exemplo, pelas suas próprias propriedades, ao conservar os alimentos, é um bem amplamente desejado, portanto costumeiramente aceito nas trocas. Ocorreu o mesmo com lã, tecidos, cevada, trigo, até chegarmos aos metais, materiais leves para transportar e de fácil divisibilidade.  diferentes bens possuem diferentes níveis de aceitação. Quando os agentes econômicos se dão conta disso, adotam o bem de maior grau de liquidez e as trocas indiretas se tornam mais comuns  A percepção de diferentes graus de liquidez gera expectativas sobre o poder de compra que os agentes esperam obter ao se apossarem desses bens mais líquidos. Isso explica o porquê de uma mercadoria se tornar dinheiro e outras não.  apesar de ser adotada como moeda por possuir características como divisibilidade e durabilidade, curiosamente havia baixa circulação, sendo a preferência comercializar com cevada ou outros grãos |  |
| 10 | O Teorema de Regressão de Mises interliga a teoria da utilidade marginal e a moeda ao considerar o fator tempo na construção do valor das mercadorias. Tendo como parâmetro o valor do bem no dia anterior, é possível estabelecer o valor atual e este, por sua vez, servirá de parâmetro para o valor futuro. Criam-se expectativas, conforme o histórico, que o valor de um bem seja mantido ou que possua baixa variação em períodos maiores, afinal, aqueles bens que são indispensáveis aos agentes hoje, o foram ontem e a tendência é que continuarão a sê-los amanhã |  |
| 11 | A existência de templos com funções de tributação, empréstimos e depósitos, os registros evidenciando o extremo controle sobre as atividades comerciais são alguns fatores que fortalecem o argumento da utilização da prata mais como padrão de referência contábil.  A função que estabelece a manutenção do valor da moeda através do tempo, como já dito, é a reserva de valor |  |
| 13 | o crédito precedeu a moeda-mercadoria, temos a completa inversão teórica do movimento histórico que o dinheiro desempenhou.  A teoria econômica costuma retratar o caminho percorrido em: escambo-dinheiro-crédito. Se o escambo, de acordo com Humphrey, não se observa em nenhum local até então conhecido e o crédito, conforme Graeber alega, era mais usual que as trocas envolvendo dois bens presentes, o caminho correto seria crédito-dinheiro, eliminando o escambo  (...) as três funções clássicas funcionavam harmonicamente, embora, conforme as evidências sobre o baixo nível de circulação da prata, a função que mais se destacava era a unidade de conta. |  |
| 13 – 14 | O sistema de crédito já era existente na Antiguidade e não teria surgido para evitar a dupla coincidência de desejos trazida pelo escambo, conforme afirmava Smith e outros. Por outro lado, mesmo obedecendo aos princípios citados por Polanyi, o homem antigo negociava, trocava, vendia e comprava bens com o intuito de satisfazer seus desejos e necessidades, como demonstra a intensidade dos negócios privados relatada por A. Carvalho (2005)  Também é possível, por essa ótica, entender como as transações firmadas na base do crédito eram majoritárias, assim como o uso da cevada mais comumente aceito enquanto a circulação da prata, embora adotada como padrão de referência, era mais controlada, ressaltando a aplicabilidade da Lei de Gresham. Já o Teorema de Regressão Miseniano evita a circularidade da Utilidade Marginal e o valor do dinheiro.  Nesse sentido, o presente trabalho contribui para a literatura vigente, uma vez que aponta uma falha teórica da economia monetária, de não lançar luz ao sistema de crédito que precedeu e, em alguns casos, desenvolveu-se juntamente com o escambo, sendo fator fundamental para o entendimento da evolução e desenvolvimento das sociedades antigas | Conclusão |